

Novembro de 2011

Sveja São Paulo

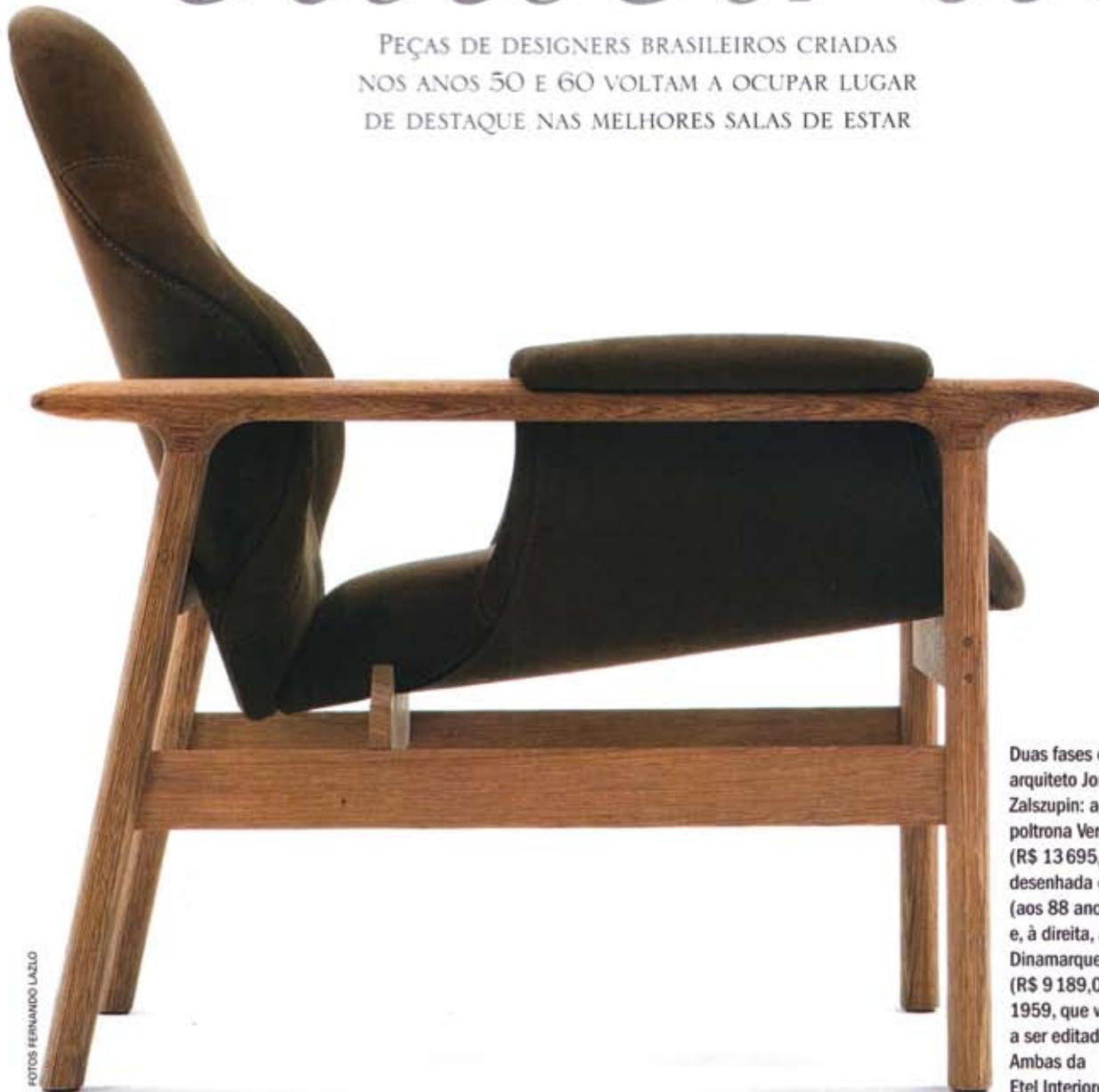
EDIÇÃO ESPECIAL LUXO

ARTE & DESIGN

DANÇADAS

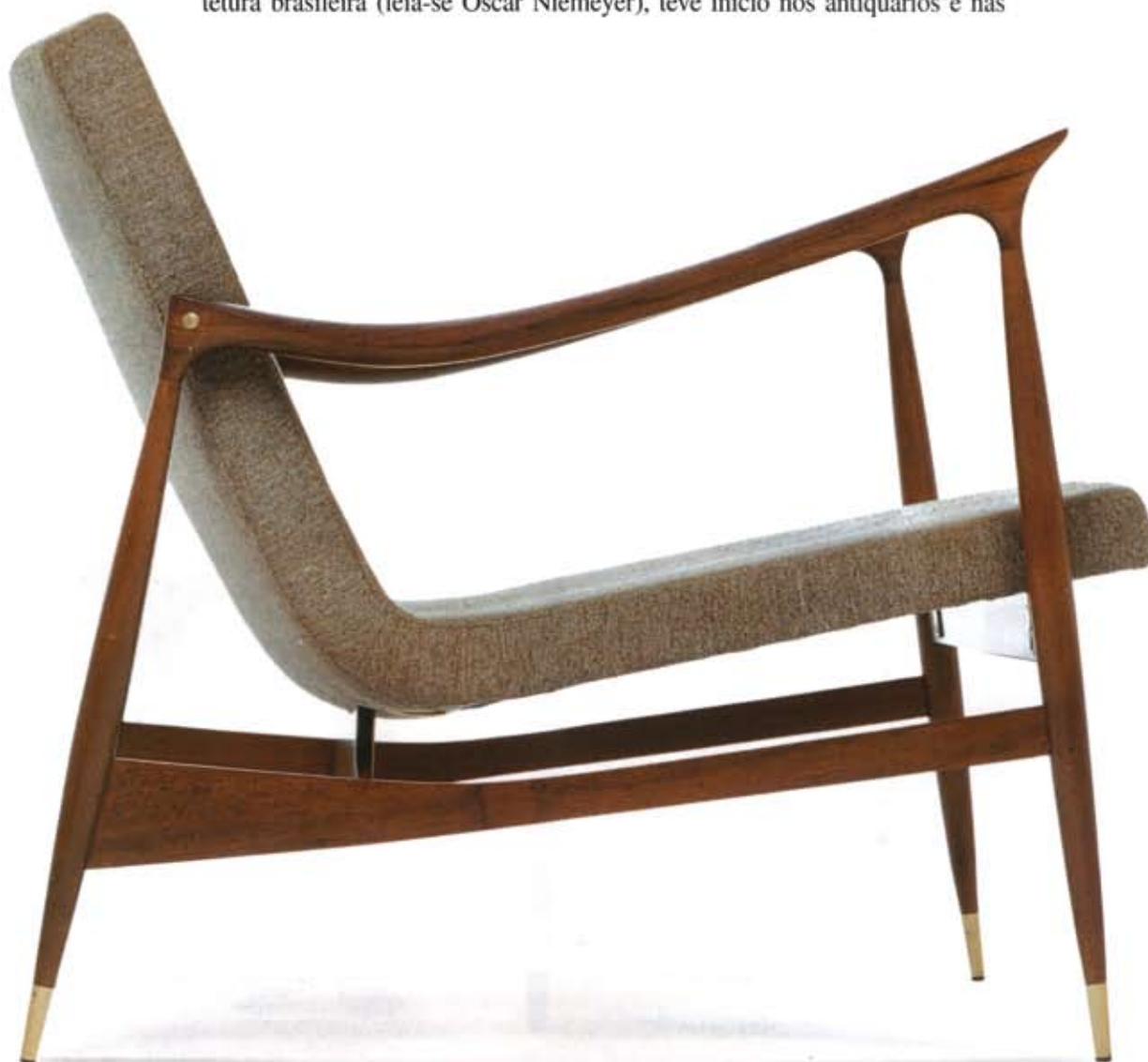
cadeiras

PEÇAS DE DESIGNERS BRASILEIROS CRIADAS
NOS ANOS 50 E 60 VOLTAM A OCUPAR LUGAR
DE DESTAQUE NAS MELHORES SALAS DE ESTAR



Duas fases do arquiteto Jorge Zalszupin: a poltrona Verônica (R\$ 13 695,00), desenhada em 2010 (aos 88 anos!), e, à direita, a Dinamarquesa (R\$ 9 189,00), de 1959, que voltou a ser editada. Ambas da Etel Interiores

A té outro dia, para um projeto de decoração ser considerado chique, era preciso que cadeiras e poltronas de metal e couro desenhadas por nomes como Marcel Breuer e Mies van der Rohe — os modernos da escola alemã de design Bauhaus — ocupassem um lugar nobre nas salas de estar. Pouco a pouco, no entanto, Barcelonas e afins vêm perdendo lugar para Verônicas, Oscars e Girafas, ícones do mobiliário brasileiro dos anos 50 e 60, que pareciam relegados para sempre às páginas dos livros de design. Quando a onda vintage começou a bater nos tornozelos de americanos e europeus, eles notaram a existência de poltronas, cadeiras e mesas de desenho elegante feitas com madeira de cores variadas e acabamento primoroso. “Os estrangeiros mais uma vez nos acharam primeiro”, afirma Lissa Carmona Tozzi, sócia da Etel Interiores. A procura por esses móveis, que nasceram para acompanhar as novas linhas da arquitetura brasileira (leia-se Oscar Niemeyer), teve início nos antiquários e nas



DESIGNERS INVESTIAM
EM ESPALDARES E ASSENTOS
DE PALHA, MAIS ADEQUADOS
AO CLIMA TROPICAL

casas de leilões — onde continuam sendo garimpados, mesmo se tratando de itens que nunca saíram de catálogo. Peças-chave da época vêm ganhando reedições e conquistando uma fatia do mercado disposta a pagar caro por elas. “São móveis de difícil execução”, diz Etel Carmona, que mantém uma fábrica com 100 artesãos em Valinhos, no interior de São Paulo, para fazer com a madeira o que ela chama de “alta-costura”. Uma poltrona assinada pelo arquiteto Jorge Zalsupin, como a sua famosa Dinamarquesa (veja na pág. 211), custa 9 189 reais.

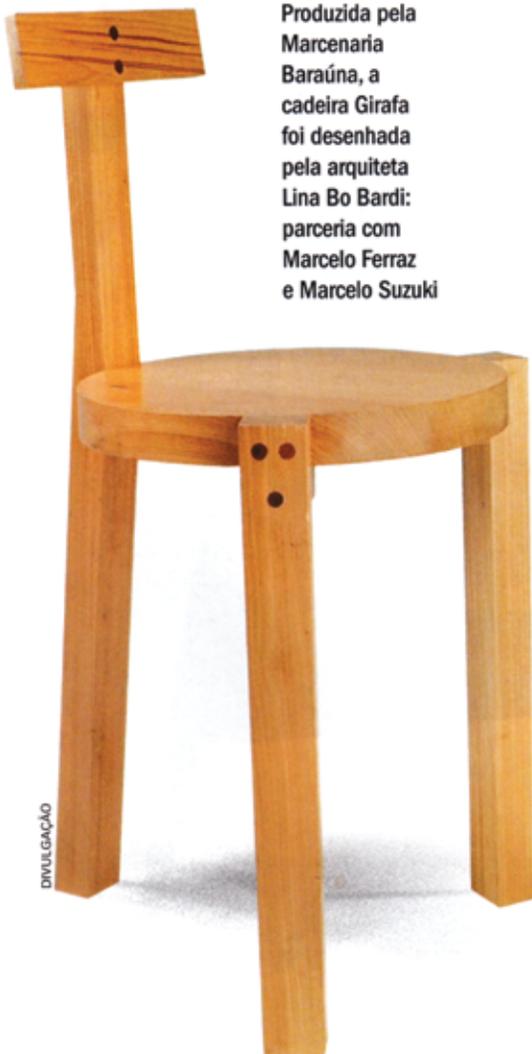
Talvez o melhor exemplo dessa produção “alta-costura” seja Joaquim Tenreiro, um português que se instalou no Rio de Janeiro em 1928 com a bagagem herdada de uma família de marceneiros. Tenreiro utilizou as madeiras brasileiras com plasticidade de escultor e trouxe de volta a espaldares e assentos a palhinha, material que considerava, com toda a razão, adequado ao clima tropical. “Ele elevou à máxima potência o uso da

madeira”, comenta Adélia Borges, professora de história do design, curadora e autora de diversos livros especializados. Suas

peças, de estrutura extremamente elaborada, jamais foram reeditadas. Uma das razões é o fato de que algumas delas requerem madeiras que já não estão mais à disposição do design: são consideradas espécies ameaçadas e, portanto, protegidas pelo Ibama. E, nesse caso, por questões técnicas, a substituição por outra matéria-prima não parece viável. “Só o jacarandá-da-baía, uma madeira extremamente dura, permitia que Tenreiro fizesse peças com linhas tão delgadas e ainda capazes de sustentar o peso-pesado de um corpo”, explica Graça Bueno, que mantém móveis do designer português em sua galeria Passado Composto Século XX. “Ele quebrou inúmeras ferramentas para executá-las.”

Felizmente, há móveis que permitem a mudança. Zalsupin chegou a hesitar diante da necessidade de substituir a madeira usada em seus projetos, que em-

Produzida pela
Marcenaria
Baraúna, a
cadeira Girafa
foi desenhada
pela arquiteta
Lina Bo Bardi:
parceria com
Marcelo Ferraz
e Marcelo Suzuki



Um clássico de 1953
que volta aos livings:
a poltrona MF5,
da marca Branco
& Preto, reeditada
pela Etel Interiores
com sucupira, freijó
e imbuia no lugar
do jacarandá
(R\$ 10 692,00)



MADEIRAS CERTIFICADAS
PERMITIRAM A REEDIÇÃO
DE CLÁSSICOS FEITOS NO
PASSADO COM JACARANDÁ

pregavam espécies como o jacarandá, por madeiras certificadas. Mas aprovou o resultado e desde 2004 vem confiando seus sofisticados desenhos à Etel Interiores e às madeiras de certificação. As reedições de seus móveis fizeram o gosto pelo design voltar a aflorar nesse polonês naturalizado que chegou ao país no Carnaval de 1950. No ano passado, aos 88 anos, Zalszupin criou a poltrona Verônica, estofada. E foi em 2004, quatro décadas depois do lançamento da marca, que a Branco & Preto saiu dos croquis e das fotos da literatura especializada para se concretizar em peças como a emblemática poltrona MF5. O grupo era formado por seis arquitetos — Roberto Aflalo, Jacob Ruchti, Miguel Forte, Plínio Croce, Carlos Milan e o chinês Chen Y Hwa — que apostavam nas linhas nietzschianas e na matéria-prima nacional.

“O sucesso do design brasileiro se deve ao desenho original, às madeiras e à criatividade na apresentação

das peças”, diz Carlos Junqueira, dono da galeria Espasso, em Nova York. Aberta um ano depois do atentado às Torres Gêmeas, a loja

cresceu, saiu de Long Island City para o descolado bairro de Tribeca, em Manhattan, e chegou também a Los Angeles. Em outubro, inaugurou a primeira “store in store” do arquiteto carioca Sergio Rodrigues, um dos maiores mestres da matéria, em solo americano, na unidade de Tribeca. “É uma honra ter o Sergio na ponta dessa turma”, conta. A “turma” a que Junqueira se refere traz, além de Zalszupin, os também modernistas Zanine Caldas, Branco & Preto e até Joaquim Tenreiro — hoje restrito a poucas galerias, antiquários e casas de leilões — ao lado dos já consagrados (e atuais) Claudia Moreira Salles e Carlos Motta. Um bom exemplo é a Cadeira de Três Pés, de Joaquim Tenreiro, de 1947, feita com tiras de duas a cinco madeiras: jacarandá, roxinho, pau-marfim, imbuia e mogno. Graça conta que



Poltrona Mole, nascida do traço do arquiteto Sergio Rodrigues, em 1957: cobiçada e possível (Dpot, R\$ 11 631,00, e o banco, R\$ 4 183,00)



A CADEIRA DE TRÊS PÉS,
DE JOAQUIM TENREIRO,
É HOJE DISPUTADA EM LEILÕES
AO REDOR DO MUNDO

recentemente surgiu uma delas num renomado leilão em Portugal pelo lance de 150 000 reais. Mesmo com todo esse preço, ela desconfiou da autenticidade. E estava certa: a cadeira era falsa. Em sua galeria, Graça já vendeu uma Cadeira de Três Pés por 250 000 reais, valor considerado baixo hoje. Mas, se um Tenreiro é para poucos, uma Poltrona Mole original restaurada, de Sergio Rodrigues, sai por 12 000 reais na Passado Composto Século XX, que aumentou a clientela estrangeira a partir de 2009, quando resolveu somar aos designers escandinavos os modernos brasileiros.

“Os móveis nacionais de época têm a favor a riqueza de variedade das nossas madeiras”, afirma o arquiteto Francisco Fanucci, da Marcenaria Baraúna. “Os exemplares produzidos no resto do mundo, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, usam sempre confíeras, madeiras de desenho sem variação.” Ao lado do sócio, o

arquiteto Marcelo Ferraz, Fanucci produz na Baraúna um mobiliário que ganhou espaço em galerias parisienses. Entre eles, duas

peças desenhadas pela arquiteta italiana Lina Bo Bardi em parceria com Ferraz e Marcelo Suzuki: as cadeiras Frei Egidio e Girafa, que deu origem a uma família composta de mesa e bancos baixo, alto e de bar. Inicialmente feitas com grumixava, as peças são hoje elaboradas com freijó e outras madeiras claras, como Lina gostava. Em sua passagem por São Paulo, em agosto, o arquiteto holandês Rem Koolhaas visitou a Casa de Vidro, projeto e residência por quarenta anos da autora do prédio do Museu de Arte de São Paulo. A casa será palco de uma exposição internacional de arte em 2012, com curadoria de Hans Ulrich Obrist. O arquiteto integra a crescente legião de admiradores de Lina pelo mundo. Mais um indício de que o Brasil finalmente pode expor seu traço tão genuíno quanto sofisticado. ■

Entre as relíquias deixadas por Joaquim Tenreiro está a Cadeira de Três Pés: raridade (às vezes) disponível na Passado Composto Século XX

